

# }3.1

## Do silêncio de Deus ao lugar do desejo

«O homem levantou a cabeça no gesto de alguém que, tendo ultrapassado um limite, já nada tem para dar e se volta para fora procurando uma resposta. A sua cara escorria sofrimento. A sua expressão era simultaneamente resignação, espanto e pergunta... Era aquela a posição da cabeça, era aquele o olhar, era aquele o sofrimento, era aquele o abandono, aquela a solidão. [...] Para além da dureza e das traições dos homens, para além da agonia da carne, começa a prova do último suplício: o silêncio de Deus.»

Sophia: *O Homem*

Esta breve passagem do conto de Sophia bem poderia ser a ecrásis de um quadro de Mestre José Rodrigues, porque quase toda a obra do Mestre (esculpida ou desenhada) escorre sofrimento, interroga a solidão e esbugalha o olhar perante o silêncio de Deus. O que não é de admirar, pois todo o acto criador deve conter, na sua essência, o desejo do conhecimento infinito, contrariando, assim, o pecado original, e expressando a sua indignação contra o silêncio de Deus. Esse silêncio, responsável pela carência ontológica, faz do homem um ser incompleto, tornando-o, assim, criador da sua própria criação, recorrendo a mitos, muitas vezes, da Bíblia, fonte inesgotável de motivos que argumentam e alimentam a nossa redenção. Por isso, era preciso que alguém falasse. Era preciso que alguém desse vida ao silêncio. Era preciso que o homem entrasse na sua loucura para se tornar criador e, por inerência, autor da criação que o povoa. E esse alguém, capaz de traduzir a utopia do silêncio

MESTRE JOSÉ RODRIGUES DESENHADO POR ARTUR MOREIRA



em percepções, é o artista, intérprete do pensamento que vem dos deuses. Neste sentido, a obra de Mestre José Rodrigues vem do silêncio dos deuses para desafiar esse mesmo silêncio, transgredindo todas as limitações divinas e míticas, num desejo de substituir esse silêncio pela divinização do humano. De facto, a arte de José Rodrigues expia o que há de mais humano, consubstanciado através da herança divina: o sofrimento, a humildade, a solidão e a mutilação, fruto do pecado. As suas figuras carregam mais de mil anos de pecado original, mesmo na beleza mais dramática dos Cristos ou dos anjos mutilados e na humildade tão desumana de São Francisco de Assis. E essas figuras transmitem a vontade que o Mestre tem de expurgar esse pecado original, que lhe incutiram em criança, com personagens telúricas do Novo Testamento, ou personagens fantásticas do Antigo Testamento: «O que dá religiosidade a um escultor é o sentimento que o artista consegue transmitir, na sua obra», afirmou ele.

Mais do que o religioso, é o sentimento dessa religiosidade que as figuras mítico/telúricas do Mestre exprimem. De facto, na sua obra, os mitos bíblicos são os próprios mitos desmitificados pela ilusão objectiva da vida. Nenhum mito bíblico nos oferece tão generosamente a redenção como a própria arte que reivindica essa mesma redenção! A história do homem é, afinal de contas, a da sua existência à procura da sua essência e da sua criação, porque na redenção mora a procura incessante do infinito. O imanente deixa de ser mistério, paixão e espírito para se aparecer e se mostrar.

Ao longo dos tempos, temos vindo a constatar que a história da arte é, em parte, inovação da forma e transgressão do mítico/religioso, numa busca incessante para tentar responder à questão ontológica «o que é que dá vida à vida?» (Steiner) e tentar compreender qual o verdadeiro sentido da condição humana, sendo que a desobediência não justifica tudo. E, por isso, desde sempre, a arte e o sentimento do sagrado foram inseparáveis, umas vezes em contraponto e, outras vezes, em dissonância, já que um dos desígnios da arte consiste na transgressão das normas castradoras, impostas pelas religiões. E ainda bem, porque é na e pela transgressão que o homem se aproxima do criador, na medida em que, quanto mais transgride, mais cria. O artista, tal Prometeu, apodera-se da divindade para a partilhar com os homens, seus semelhantes, fazendo com que as figuras divinas se tornem mais humanas a fim de que, deste modo, os homens se sintam mais próximos de Deus. Aproximar-nos de Deus é vislumbrar a sabedoria. Por conseguinte, a sede de sabedoria impele o homem para o acto criador e/ou transgressor: «O tema da transgressão como salto para o saber sempre me fascinou», confessa José Rodrigues. Ora, tendo em conta que criar uma obra de arte é sublimar o que o homem tem de mais pueril, o artista, com a cumplicidade do seu imaginário, serve-se de referências religiosas para criar emoção no dramatismo que decorre do silêncio de Deus.

A concretização do mito para uma linguagem sublime (porque fala aos deuses ou dos deuses) vai fundir-se e confundir-se num texto eclético entre o religioso e o profano, como acontece nas esculturas e nos quadros do Mestre, a partir dos quais as alegorias humanas concretizam abstrações bíblicas, fazendo do humano um ser mais divino. A obra do Mestre não desce do céu para a terra. Pelo contrário, ela sobe da terra para o céu. Contrariando o mistério da encarnação de Deus, as criaturas do Mestre, com rostos humanos, fizeram-se divinas. Divinizar o barro é dar resposta à carência humana. Afinal de contas, os olhos com que as personagens de José Rodrigues olham para Deus são os mesmos olhos com que Deus olha para elas! E, por isso, as línguas de fogo que pairam sobre as figuras do Mestre agitam a dimensão humana e elevam-na até à sublimação, revelando em cada um de nós um estado de alma que ascende à dimensão divina de um homem criador da sua própria criação. Com efeito, à revelia de Deus, o Mestre ousou roubar os mitos silenciosos da Bíblia para lhes dar o sopro de vida, o grito da existência, desenhando ou esculpindo em cada personagem mítica o trajeito de cada ser humano e o roupão sombrio da sua eternidade paradigmático na imagem do próprio Mestre. A sua obra é, pois, uma galeria de figurinos desmistificadamente vivos, que carregam os pecados da humanidade. Os Anjos, o Adão, a Salomé, o Herodes, o João Batista, a Sagrada Família, o Cristo são personagens que caminham na cidade, ao nosso lado (como a criança/Jesus de Caeiro), e acabam por ser mais divinos do que as personagens bíblicas, porque mais humanas e mais verdadeiras, não esquecendo que em todos eles há também palimpsestos de Nossa Senhora da Conceição que, em criança, o fascinou numa igreja de Luanda.

A maternidade não é apenas a dor, que vemos diante dos olhos. Ela simboliza todas as dores maternas, insurgindo-se contra o castigo infligido por Deus a Eva, assim como a «Expulsão do Paraíso». O sofrimento do cristão não está na imagem sofredora de Cristo crucificado, mas em cada rosto perseguido por essa imagem. Todos os anjos do Mestre são mais divinos que os anjos bíblicos, porque mais próximos do criador e criados à sua própria imagem, mais viva e mais existencial. Mais do que isso, os seus anjos nem sequer são anjos, quanto menos anjas. São príncipes que espalham felicidade em todos aqueles que esquecem a matemática para acreditarem no sonho. As suas estátuas são feitas da matéria de que os sonhos são feitos, como diria Próspero, a propósito dos homens. E toda a matéria que sonha é um ser que deseja ascender à plenitude. É, talvez por isso, que os Cristos de José Rodrigues levam, no seu olhar, o rosto do Mestre – que é também o nosso – porque a sua obra é uma epifania de toda a criação (da sua e das outras).

A arte não será o substituto de Deus, como afirma Steiner, mas é, talvez, a prova da sua existência ou, se quisermos, como escreve Pascal, a aposta através da qual o ser humano joga tudo para acreditar na sua existência, porque

a humanidade só tem a ganhar com isso. Assim sendo, José Rodrigues aposta na humanização de Deus ou dos deuses, para que o homem reencontre a sua dignidade de homem, para que o homem reencontre o seu lugar: o lugar do desejo. O desejo de abraçar a plenitude e o desejo de reivindicar a sua mutilação divina.

Recordando Cervantes, podemos dizer com ele que, nas carnes, há alma, uma alma que vem do silêncio de Deus, e uma carne onde mora o lugar do desejo, exactamente aí, onde a vida começa. A telúrica e a sagrada! Deste modo, à imagem das personagens do Mestre, aconheguemos o sagrado à nossa condição para nos sentirmos menos sós, para nos aquecermos com a sombra divina, que está colada ao nosso corpo, como uma máscara pessoana, porque a arte tem um feitiço, que nos ilude os sentidos! Na arte reside o sonho que nos prende à vida e que nos faz errar entre o céu e a terra, entre o limbo e a plenitude. A obra de José Rodrigues deixa-nos a mensagem de que, afinal, somos todos mensageiros de Jacob, que subimos e descemos a escada em busca da nossa salvação. E, no meio de tanta tragédia humana, ela deixa-nos uma réstia de esperança cromatizada, na certeza de que cada homem é uma estrada para Deus. E é por essa mesma estrada que Deus vem ao encontro de cada homem.

António Joaquim Oliveira, Doutor em Ciências da Literatura